

Linha 2.^a—O S inicial é duvidoso; mas parece ser antes S do que C. Fará parte da palavra antecedente? Não me atrevo a recompor a linha. A última lettra deve ligar-se com as duas lettras da linha 3.^a, constituindo com ellas a palavra ANS=AN(i)S. Ha nas inscripções outro exemplo de ANIS em vez de ANNIS: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Suppl.*, pag. 1185.

*

Em 1894 appareceu nos entulhos do Palacio dos Infantes, em Beja, uma lapide calcarea com uma inscripção bastante maltratada. Creio lê-la assim:

D IVLIO DFCAL
SAT....NINO
PVBLIC¹ RT¹

D. Julio D. f. Gal. Saturnino: Publica liberta.

Isto é:

A Decio Julio Saturnino, da tribu Galeria, filho de Decio: Publica, sua liberta [consagrou este monumento]. Ou será Liberta um cognome¹?

Nas inscripções pacenses² apparece mais vezes menção da tribu Galeria.

J. L. DE V.

Antas no concelho de Villa-Pouca-de-Aguiar

É grande o numero de antas neste concelho.

Alem das que se encontram no planalto do Alvão, e que tem sido exploradas pelos Rev.^{dos} P.^{es} Brenha e Rodrigues, descobriram-se, ha pouco, algumas nos montes a nascente de Villa-Pouca, situadas, umas no monte conhecido pelo nome de Presa, e outras nas ramificações da serra de Padrella. Das encontradas na Presa tive occasião de observar cinco, ha poucos dias, de que vou tentar fazer rapida descripção.

¹ No *Corp. Inscr. Lat.*, VIII-10801, lê-se *Caerellia Liberta*, onde *Liberta* parece ser cognome. Cfr. De Vit, *Onomasticon*, s. v.

² Isto é, de *Pax-Julia*, nome da cidade de Beja na epocha romana.

No sítio do alto da Presa, a muito pequena distancia do *marco* que separava o antigo concelho de Villa-Pouca do extinto concelho de Alfarella de Jalles, partindo de Villa-Pouca, encontra-se ao lado esquerdo da estrada districtal n.º 17 (de Villa-Pouca a Murça):

1.º Uma anta constituída por seis esteios de 2^m,50 de altura, de 0^m,80 a 0^m,50 de largura, e 0^m,30 a 0^m,35 de espessura, circumdada por uma mamôa de cinco a seis metros de diametro, composta de terra e fragmentos de seixos, sem mesa, e assente, assim como os esteios, em rocha.

A porta ou abertura da anta está dirigida para Nordeste e é formada por duas pedras de 0^m,60 de alto, e 1^m,20 de comprimento, e 0^m,25 de largura, separadas uma da outra 0^m,60 na entrada da anta e 0^m,50 na extremidade voltada para fóra.

Ha de notavel o entrarem as duas pedras da galeria pela crypta da anta, a cujos esteios se encostam de um lado e de outro muito intimamente.

Da galeria nada mais se encontra, nem o esteio que devia assentar nestas duas pedras.

Esta anta estava devassada, e, apesar de explorada com todo o cuidado, não deu cousa alguma.

2.º A 50 metros au Sul d'esta anta encontra-se outra, de dimensões menores, com a porta dirigida para Sudoeste, constituída por cinco pedras apenas, assente em rocha da mesma natureza (schisto) da do n.º 1, com uma mamôa nas mesmas condições. Foi igualmente devassada. As pedras da extremidade central da galeria não entram na crypta, como as do n.º 1. A exploração d'esta anta nada produziu.

3.º A 15 metros da anta do n.º 2 encontra-se um esteio apenas de outra anta, sem mamôa. A exploração do local tambem foi sem resultado.

4.º A 150 metros da anta n.º 3, em um pequeno outeiro, descobre-se, a distancia, a parte superior de outra anta, que examinada de perto se vê ser a maior de todas. Entram na sua formação nove esteios, de altura e espessura igual á dos das outras, mas geralmente de maior largura. Não tem mamôa, nem mesa, e a galeria é na direcção de Sudoeste.

A distancia que separa dois esteios voltados para Sudoeste (0^m,14) mostra bem a força d'aquelles que tentaram arrancá-los.

A anta está assente em rocha granitica, e não deu mais do que dois fragmentos de facas de silex, um de 0^m,10 de comprimento e outro de 0^m,08, de dorso quadrangular, e um fragmento de um instrumento polido de diorite.

5.º A 400 metros para poente da anta n.º 1 encontra-se outra composta de seis pedras de 1^m,12 de altura e das demais dimensões das outras, sem mamôa nem galeria. Os esteios e pedras das galerias são todos de granito, como os das antas do Alvão. Nesta anta também não achei nenhum objecto archeologico.

HENRIQUE BOTELHO.

Explorações archeologicas em Paços de Ferreira

1. Monumento das Mourinhas

No dia 4 de Fevereiro de 1896, no sítio denominado as *Mourinhas*, freguesia de Zamoso, concelho de Paços de Ferreira, junto á ponte de Bairros, na estrada de Negrellos a Raimonda, foi encontrado em terreno inculto, a cuja arroteia se procedia, um *forno* que continha panellas de barro, cinzas e carvão.

Tendo noticia d'este facto na última quinzena do mês, fui ali no dia 25, a fim de apurar o que fosse o annuciado *forno*, que, consoante dizia o meu informador, se prolongava em fôrma abahulada á semelhança de uma machina do caminho de ferro, embora eu soubesse que do achado quasi nada restava, porque o achador, na convicção de que tudo aquillo era ouro *encantado*, que os Mouros ali haviam escondido, o desfizera, sem dúvida por mingua do celebrado livro de S. Cypriano, a golpes de alvião e enxada.

Pelos poucos vestigios encontrados e pelas informações que colhi, verifiquei que se tratava de um *monumento sepulchral* em fôrma de pipa, como fundadamente conjecturara o Sr. Dr. Martins Sarmiento ao communicar-lhe as novas do meu informador.

O monumento, orientado a Nordeste, constava de duas partes distinctas, mas conjunctas.

A primeira parte, informou o achador e destruidor, em fôrma conica, identica á dos actuaes fornos de pão, era formada de barro vermelho e media de comprimento 0^m,80 pouco mais ou menos. A porta, cuja altura era de 0^m,85, era construida de pedras mal trabalhadas, quasi em bruto (ainda vi uma das ombreiras), com os rasgos, em que assentava a tampa, feitos do mesmo barro.

Nesta parte, a que poderemos talvez chamar o atrio do jazigo, estavam quatro vasos de barro escuro, dois de 0^m,30 de altura e dois de 0^m,40; os primeiros cobertos com testos do mesmo barro e os segundos sem tampa; e no meio d'elles cinzas e carvões. D'estes